

Estudo do falar regional do bairro dos Gomes, Juruáia (MG) e região: análise de expressões idiomáticas

Study of regional speaking in bairro dos Gomes, Juruáia (MG) and region: analysis of idiomatic expressions

Estudio del habla regional en el barrio dos Gomes, Juruáia (MG) y región: análisis de las expresiones del lenguaje

Jair Silva Sobrinho
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

Celso Ferrarezi Junior
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

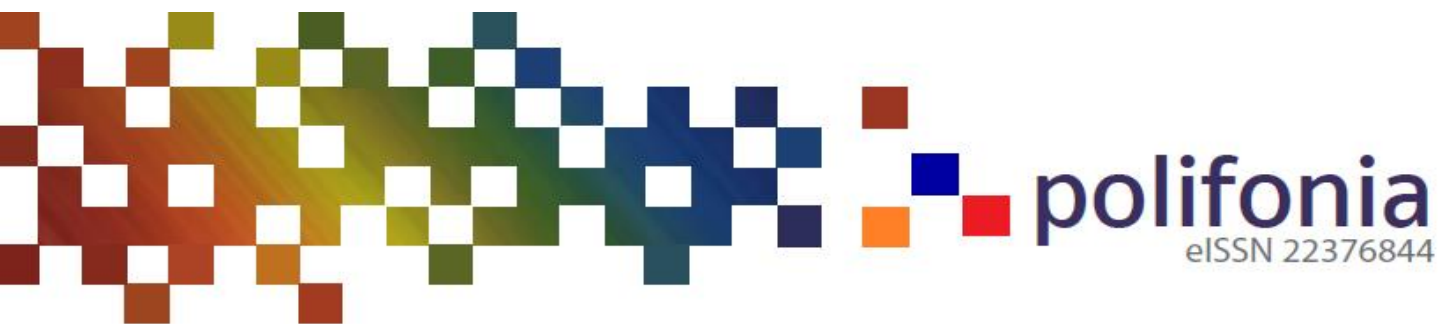
Resumo

O estudo de expressões idiomáticas ocorrentes em ecossistemas linguísticos de comunidades tipicamente rurais é algo sobre o que a presente pesquisa se debruça. Registrar cientificamente a existência de comunidades cujos falantes carregam marcas de fala muito próprias dos seus locais de origem é um trabalho relevante no escopo da ciência linguística. Mais especificamente, a Semântica de Contextos e Cenários, vertente de estudos semânticos de base cultural, nos permitiu analisar e descrever expressões idiomáticas coletadas na região de Juruáia, MG e na comunidade rural denominada Bairro dos Gomes. Assim, a pesquisa apontou para o importante fato de que boa parte das expressões idiomáticas usadas pelos moradores do Bairro dos Gomes não é conhecida por aqueles que residem na área urbana do mesmo município. Nosso objetivo na pesquisa foi o de registrar o maior número de palavras e expressões idiomáticas possível peculiares a essa comunidade de falantes, promovendo uma descrição semântico-cultural, com o objetivo de fornecer uma notícia sociolinguística da existência da comunidade, ao mesmo tempo em que apresentamos elementos identitários presentes no falar destas pessoas.

Palavras-chave: Expressões Idiomáticas, Semântica de Contextos e Cenários, Bairro dos Gomes, Juruáia, MG.

Abstract

The study of idiomatic expressions occurring in linguistic ecosystems of typically rural communities is something that the present research focuses on. Scientifically registering the existence of communities whose speakers carry speech marks that are very specific to their places of origin is a relevant work in the scope of linguistic science. More specifically, the Semantics of Contexts and Scenarios, a strand of culturally based semantic studies, allowed us to analyze and describe idiomatic expressions collected in the region of Juruáia, MG and in the rural community called Bairro dos Gomes. Thus, the research pointed to



the important fact that a good part of the idiomatic expressions used by the residents of Bairro dos Gomes is not known by those who live in the urban area of the same municipality. Our objective in the research was to register as many words and idiomatic expressions as possible peculiar to this community of speakers, promoting a semantic-cultural description, with the objective of providing a sociolinguistic news of the existence of the community, at the same time and that we present identity elements present in the speech of these people.

Keywords: Idioms, Semantics of Contexts and Scenarios, Bairro dos Gomes, Juruiaia, MG.

Resumen

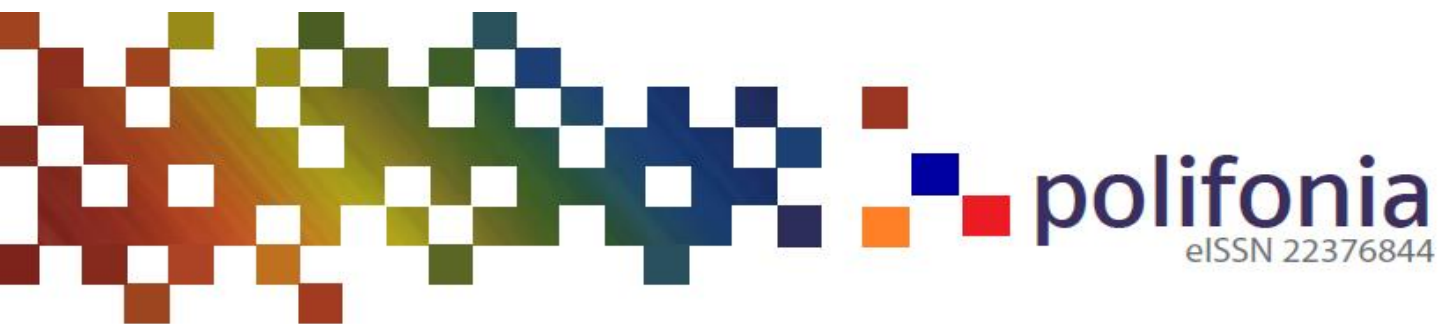
El estudio de las expresiones idiomáticas que se dan en ecosistemas lingüísticos de comunidades típicamente rurales es algo en lo que se centra la presente investigación. Registrar científicamente la existencia de comunidades cuyos hablantes portan marcas de habla muy específicas de sus lugares de origen es un trabajo relevante en el ámbito de la ciencia lingüística. Más específicamente, la Semántica de Contextos y Escenarios, una línea de estudios semánticos de base cultural, nos permitió analizar y describir expresiones idiomáticas recolectadas en la región de Juruiaia, MG y en la comunidad rural llamada Bairro dos Gomes. Así, la investigación apuntó al hecho importante de que buena parte de las expresiones idiomáticas utilizadas por los vecinos del Bairro dos Gomes no son conocidas por los que viven en el casco urbano del mismo municipio. Nuestro objetivo en la investigación fue registrar el mayor número posible de palabras y expresiones idiomáticas propias de esta comunidad de hablantes, promoviendo una descripción semántico-cultural, con el objetivo de brindar una noticia sociolingüística de la existencia de la comunidad, al mismo tiempo y que presentemos elementos identitarios presentes en el discurso de estas personas.

Palabras clave: modismos, semántica de contextos y escenarios, Bairro dos Gomes, Juruiaia, MG.

Introdução

O presente estudo versa sobre o registro e a análise de expressões idiomáticas próprias do falar regional de um município sul-mineiro, Juruiaia, e, mais especificamente, do Bairro dos Gomes, localidade situada em sua zona rural.

A formação da atual localidade começou a acontecer no final do século XIX, a partir da ocupação iniciada pelo fazendeiro Francisco Antonio Melo. Antes de se tornar um município, em 27 de dezembro de 1948, foi um distrito chamado "São Sebastião da Barra Mansa" e pertencente a Muzambinho (BARDY, PRADO, 2006, p.30). Juruiaia, hoje, é um dos maiores polos produtores de *lingerie* do país, responsável por cerca de 15 por cento da produção nacional.

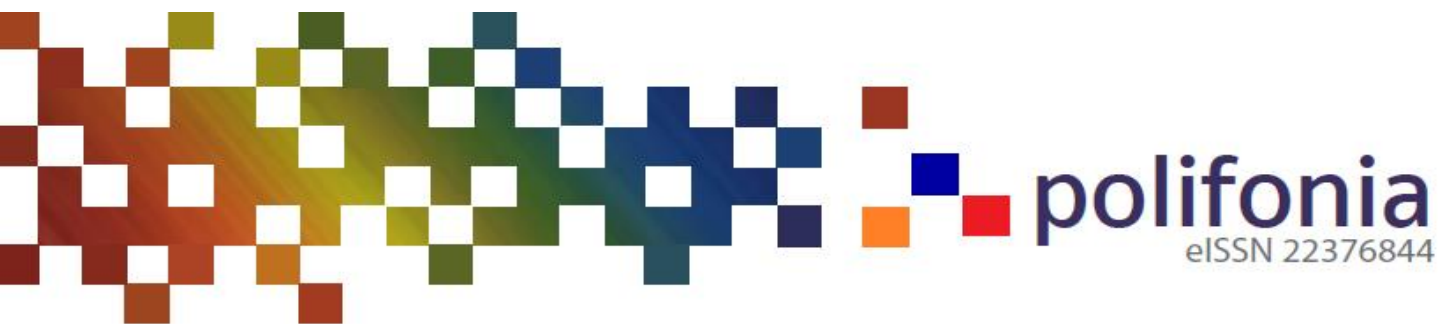


A comunidade dos Gomes, popularmente conhecida apenas como “Os Gomes”, é um povoado com cerca de 1.500 habitantes, cujas famílias são bastante numerosas. Em termos econômicos, o povoado desenvolve atividades agrícolas e parte de sua população também trabalha na confecção de *lingeries*, principal atividade econômica do município. O local conta com um posto de saúde e apenas um comércio. A escola municipal lá instalada há alguns anos deixou de funcionar e, atualmente, os alunos vão até a cidade a fim de estudar. As pessoas têm um falar bastante característico, fazem uso de expressões e formas lexicais aplicáveis apenas no seu contexto linguístico.

Dentre as tradições identificadas na região como pertencentes a esse bairro, curiosamente, está o fato de que os falantes mantêm um grande vocabulário peculiar, muito utilizado oralmente e que só é compreendido pelos próprios falantes locais. Algumas expressões já se encontram em estado moribundo, uma vez que apenas utilizadas pelos mais velhos, enquanto outras participam ativamente da fala dos jovens. Essa linguagem marca a cultura simples, muito atrelada à vida no campo e carregada de valores que este povo conserva, caso típico entre as cidades interioranas nesta região.

A construção de Expressões Idiomáticas (EI) à luz da ciência sociolinguística se dá a partir das necessidades comunicativas e representativas que os falantes percebem em seu cotidiano. Assim, essas expressões estão, quase sempre, vinculadas aos fins práticos de linguagem cotidiana. Sobre isso, Bagno (2007) afirma que:

[...] toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente da manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada. A ideia de que existem variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas” ou mais “erradas”, mais “ricas” e mais “pobres” é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e discriminação... Para o estudioso da linguagem, todas as variedades linguísticas se equivalem, todas têm sua lógica de funcionamento, todas obedecem a regras gramaticais que podem ser descritas e explicadas.” (BAGNO, 2007, p.48)



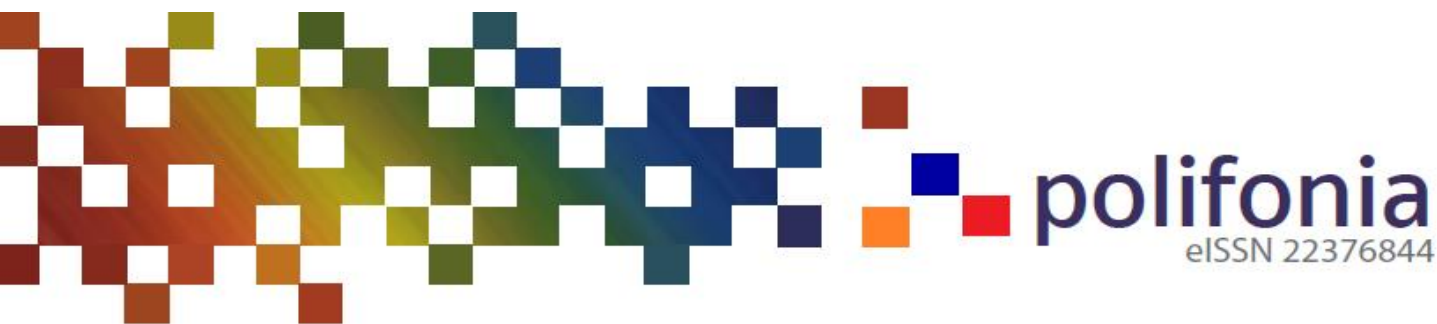
Destaca-se que os falares locais e regionalizados, principalmente em regiões interioranas, carregam estigmas sociais e, frequentemente, são desvalorizados por parte dos próprios falantes, como afirma Kaufmann (2011):

Na sociolinguística queremos, frequentemente, saber algo sobre a fala de pessoas que não gozam de um prestígio social muito grande e que nem podem sonhar com a possibilidade de fazer um curso universitário. Para eles, muitas vezes, já o formato de um questionário ou de uma entrevista científica é desconhecido e não entendem por que uma pessoa erudita (não que utilizassem necessariamente esta palavra) possa se interessar por seus falares, falares que os próprios falantes muitas vezes, consideram errados e sem valor. (KAUFMANN, 2011, p. 129).

E é justamente para que se conheçam e se localizem todos os falares regionais de nossa língua (afinal, o que é uma língua natural senão a soma de todos os seus falares regionais e locais?), que um grande conjunto de pesquisadores brasileiros tem trabalhado intensamente na pesquisa e elaboração de um importante documento de mapeamento linguístico do território brasileiro, o Projeto “Atlas Linguístico do Brasil” – ALiB. Instituído há mais de duas décadas, o Atlas contempla falares regionais e locais diversos, mapeando estados brasileiros e suas comunidades de falantes, inclusive de Minas Gerais. Hoje, sabe-se que

Decorridos 10 anos de sua implantação — em novembro de 1996, por ocasião do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, que se realizou na Universidade Federal da Bahia —, o projeto ALiB conta, atualmente, com mais da metade dos inquéritos realizados, tendo-se completado integralmente a documentação em sete estados Amapá, Roraima, Acre, Alagoas, Sergipe, Paraná e Mato Grosso do Sul. (MOTA, 2017, p.150)

Porém o destaque se dá pelo fato de o falar característico do Bairro dos Gomes em Juruiaia ainda não estar contemplado pelo ALiB. Tal questão desperta a atenção para nossa pesquisa, pois trata-se de uma região próxima a universidades e que dista a menos de 500 km das capitais mineira e paulista. Diante disso, é que surgem as primeiras pesquisas linguísticas para fins de registro, mesmo que preliminares, da variedade linguística existente no local.



Silva Sobrinho e Ferrarezi Jr. (2021) destacam que:

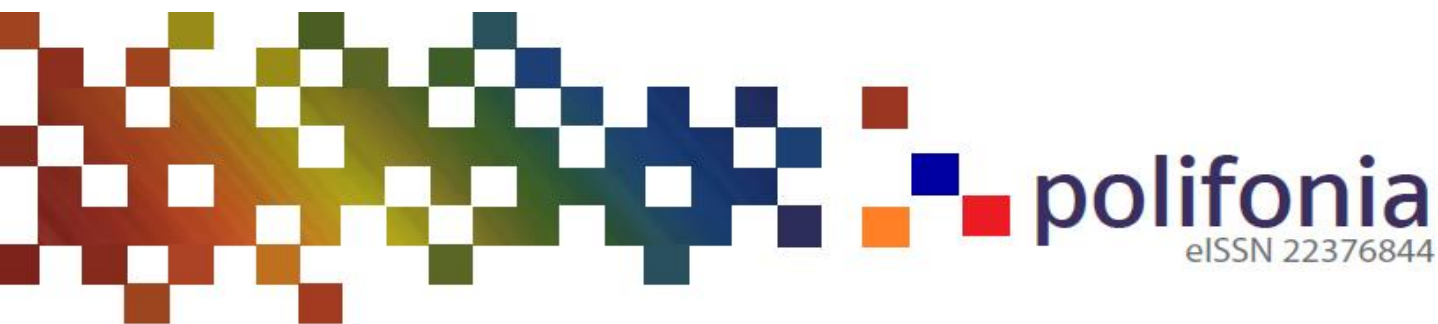
Analisar o falar da Comunidade dos Gomes implica pensar numa variedade linguística muito própria e peculiar, bastante próxima das vivências diárias e perfeitamente adequada às necessidades do viver nessa sociedade. A variedade linguística encontrada nesse lugar é fortemente marcada pelo uso de expressões idiomáticas encontradas apenas ali e pelo falar “cantado” típico de quem nasceu e cresceu no local (SILVA SOBRINHO & FERRAREZI JR. 2021, p.11).

O fato de já haver registro de perdas lexicais e, conseqüentemente, na identidade da linguagem local, justifica a necessidade de se fazer este estudo de forma mais profunda e urgente, ainda mais se considerarmos o avanço muito acelerado das tecnologias de comunicação. Estas têm levado, principalmente os jovens, a perderem essa identidade linguística em um processo muito rápido. Desta forma, acredita-se que o estudo dessas expressões possa servir, ao menos, como registro histórico-cultural desse falar tão rico.

Para Bortoni-Ricardo (2005), a manutenção das marcas linguísticas de povoados rurais é conflitante e um ponto de desafio frente às variedades linguísticas urbanizadas, uma vez que manter vivas tais marcas é a grande questão a que se destinam pesquisas semelhantes a esta aqui apresentada. A autora afirma que:

Entre os indivíduos de origem rural, encontramos aqueles que, por meio do ensino sistemático da língua na escola ou pelo convívio com a cultura de letramento, já estarão adiantados no processo de conformação de sua linguagem aos padrões citadinos de prestígio, enquanto outros conservarão, ainda quase inalterados, seus hábitos linguísticos originais (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 34).

Assim sendo, o principal objetivo da pesquisa que fundamenta este trabalho foi o de registrar o maior número de palavras e expressões idiomáticas possível, peculiares a essa comunidade de falantes, promovendo uma descrição semântico-cultural, com o objetivo de fornecer uma notícia sociolinguística da existência da comunidade, ao mesmo tempo em que apresentamos elementos identitários presentes no falar destas pessoas.



1. Fundamentação teórica

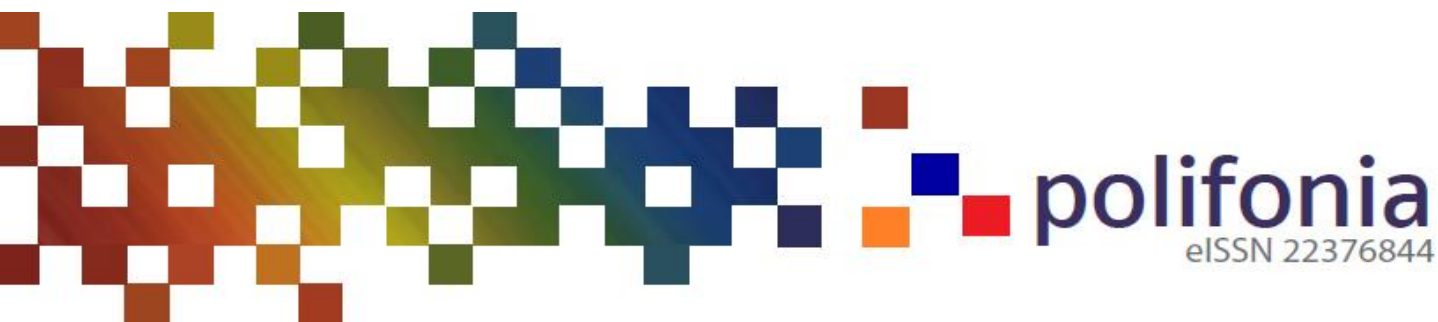
As abordagens por uma Semântica Cultural – SC – postulam que não é possível um estudo profunda da linguagem de uma comunidade sem que se teça uma inter-relação entre sua linguagem e sua cultura. Logo, as abordagens culturais constituem-se como uma das vertentes do grande campo semântico das línguas que se orientam a partir dos sentidos construídos no léxico – palavras e expressões – e sua relação com a cultura que envolve o falante e aquilo que é falado (FERRAREZI JR., 2013, p.71). A partir de tal afirmação, pretendemos ampliar a conceituação teórica e chegar ao que propusemos neste estudo: analisar as EI pelo viés de uma SC, mais especificamente da Semântica de Contextos e Cenários - SCC.

Aqui, registra-se que as abordagens culturais em Semântica, embora tendo iniciado em meados dos anos 60 e já distribuídas em trabalhos diversos em vários países do mundo, apenas foi introduzida no país em 2010, com o livro “Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie” (FERRAREZI JR., 2010). Assim, em um estudo de Semântica Cultural no Brasil, a referência a essa obra é constante e inescapável.

Ao tratar do estudo das EI pelo viés da SCC, é preciso considerar aspectos puramente linguísticos, do ponto de vista sistêmico da gramática e aqueles que são do campo cultural, como descreve Ferrarezi Jr.:

[...] precisamos de um bom conhecimento da língua em estudo (de sua gramática internalizada, de seu funcionamento) e da cultura que a envolve (dos valores, dos princípios de conduta, do conhecimento e da visão de mundo dos falantes etc.) para realizar um bom estudo de SC. (FERRAREZI JR., 2013, p.76)

Sabe-se que, em qualquer povo, a língua e a cultura são elementos essenciais e estão intimamente relacionadas. Assim, o conceito de língua segundo Ferrarezi (2010, p.66), determina que “[...] uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente



determinado de representação de mundos e seus eventos (...). Esta visão de língua é norteada pelo Princípio da Representatividade, que dita que o:

[...] caráter representacional da língua se materializa no fato de que uma língua natural – ou os diversos fragmentos desta, cada um em sua vez, mais propriamente – pode “ser posto no lugar de” um mundo ou evento, permitindo a comunicação entre os interlocutores. (FERRAREZI JR., 2010, p. 66)

É assim que toda língua compreende uma bidimensionalidade mínima: na dimensão dos pensamentos e da visão de mundos dos falantes, construída por meio e entremeada com a construção cultural de cada comunidade (onde se inserem os significados) e a dimensão propriamente linguística, manifestação da primeira (onde se inserem os sentidos). Com base nisso, a SCC entende que é mais pertinente estudar as manifestações linguísticas do significado (ou seja, os *sentidos*) pois, conforme Ferrarezi Jr. (2010):

Se o significado não é objeto do estudo da Semântica, mas suas manifestações é que o são – quais sejam elas – as múltiplas formas pelas quais a língua o manifesta em seu sistema e nas funções para as quais esse sistema foi criado (...) podemos confirmar a adoção do termo “sentido”, que me parece ser, na literatura corrente, aquele que mais se aproxima da ideia que pretendo expressar quando falo de manifestações linguísticas do significado [...]. (FERRAREZI JR., 2010, p. 59)

O sentido é, então, a ponte que faz a ligação entre o pensamento e o mundo, vinculando a expressão linguística ao referente representado e que, por isso, passa a ser o aspecto mais relevante a ser compreendido na constituição de uma língua natural.

Quando apontamos nosso estudo para as EI, Xatara (1998, p.170) afirma que “expressão idiomática é uma *lexia* complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Por *lexia* definimos a unidade frasal a qual em caso de decomposição ou fragmentação de termos perde seu sentido e sua aplicabilidade. Também Ilari (2001, p.78) corrobora e compartilha do conceito de que “[...] uma característica própria das expressões idiomáticas é que elas apresentam um forte grau de



fixidez, isto é, não podemos substituir as palavras que a compõe por outras, sem mudar sua ordem, nem intercalar outras palavras”

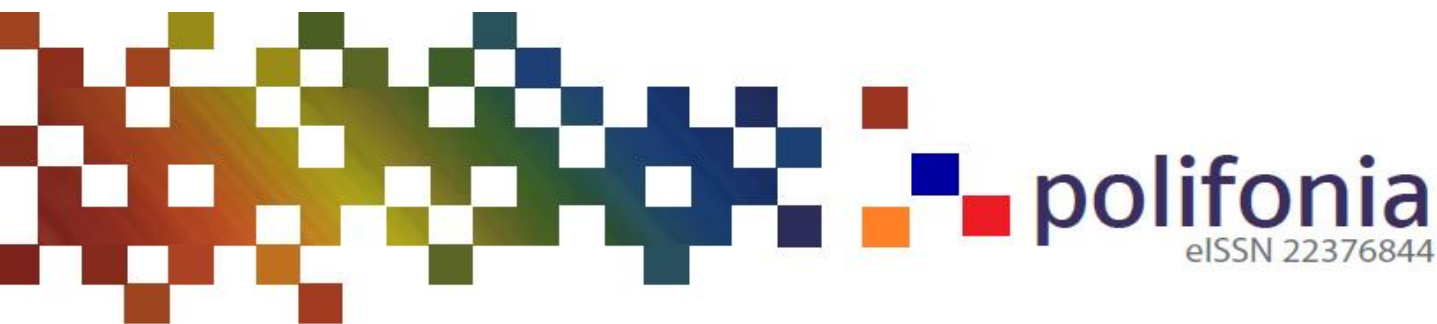
A construção conotativa dos sentidos é o que traz materialidade ao sentido das EI e a análise semântica, que só se torna possível quando atribuído o sentido à unidade linguística como um todo, não torna viável - e nem mesmo possível - a dissociação dos termos, pois autonomamente cada palavra não constrói sentido lógico no contexto de uso de uma EI. Assim Ortíz Alvarez reforça que

Devido ao fato de as EI serem combinações complexas, metafóricas por excelência, por apresentarem como uma de suas características o caráter conotativo, ou seja, a interpretação semântica que corresponde à soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes, o estudo de suas metáforas torna-se importante (ORTÍZ ALVAREZ, 2018, p. 48).

Sobre os usos e análises de metáforas, Xatara (1998) também atesta que:

Essa profusão das EI justifica-se por duas razões principais. Em primeiro lugar, porque podemos contrapor a seu caráter previsível e a seu automatismo, desgastado pela frequência de emprego, um poder surpreendentemente criativo de seus efeitos sobre os usuários, através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal. Em segundo lugar, porque o mundo das EI revela uma espessura simbólica, em que aflora o inconsciente, acionando transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções (XATARA, 1998, p.148).

Como podemos ver, as expressões linguísticas são formadas a partir da necessidade de desvelamento dos sentidos construídos previamente na mente dos falantes. Isso gera a necessidade de definir como o sentido, por sua vez, é construído em uma língua natural e quais são suas bases formadoras. Ferrarezi Jr. (2010) demonstra que a cultura é o elemento determinante, na mesma medida em que esse desvelamento é representativo dos valores mais próprios de uma comunidade:



[...] porque os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo, os sentidos expressam, além de suas associações referenciais, valores culturais e, assim, geram a impressão desses valores nas mentes dos falantes. (FERRAREZI JR., 2010, p.123)

Os sentidos são culturalmente determinados, ao passo, que revelam os valores cultivados por uma determinada sociedade. Porém, os sentidos também demonstram os valores individuais. Por isso é que, segundo a SCC, se cada cultura constrói uma visão de mundo, cada pessoa, nessa cultura, constrói a partir dessa – ou mesmo nessa – visão geral, a sua própria visão.

Ao tratar das EI do ponto de vista teórico-metodológico, é preciso referenciar o conceito de fraseologia partindo do viés de que a construção do sentido em uma expressão idiomática passa pela combinação de elementos diversos, conforme atesta Ortíz Alvarez (2000):

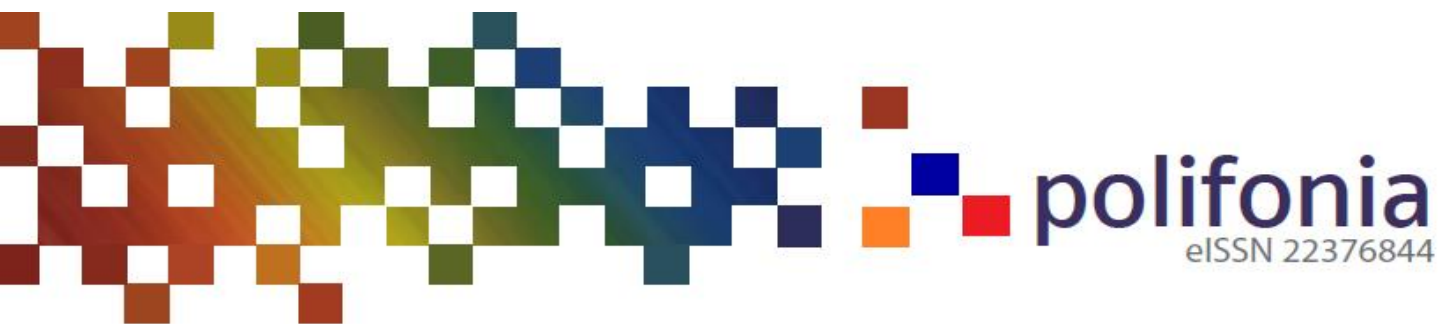
[...] pode-se entender a Fraseologia como a combinação de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos (ORTÍZ ALVAREZ, 2000, p. 73).

Em Goldberg (1995), vemos que

[...] as palavras e expressões passam por várias transformações, desde a sua origem até se associarem a outras e formar novos significados¹. O processo de significação se desenvolve de acordo com as experiências humanas, ou seja, os indivíduos falantes de determinada língua participam de contextos comunicativos em que precisam ler o mundo, gerando informações que colaboram para a formulação de sentidos e de construções. (GOLDBERG, 1995, p. 1 *apud* ORTÍZ ALVAREZ, 2018, p.53)

Assim, percebemos que uma língua é, de maneira geral, uma das mais importantes marcas identitárias de uma sociedade e, conseqüentemente, dos indivíduos nela inseridos.

¹ Em nossa abordagem, seriam “sentidos” aqui.



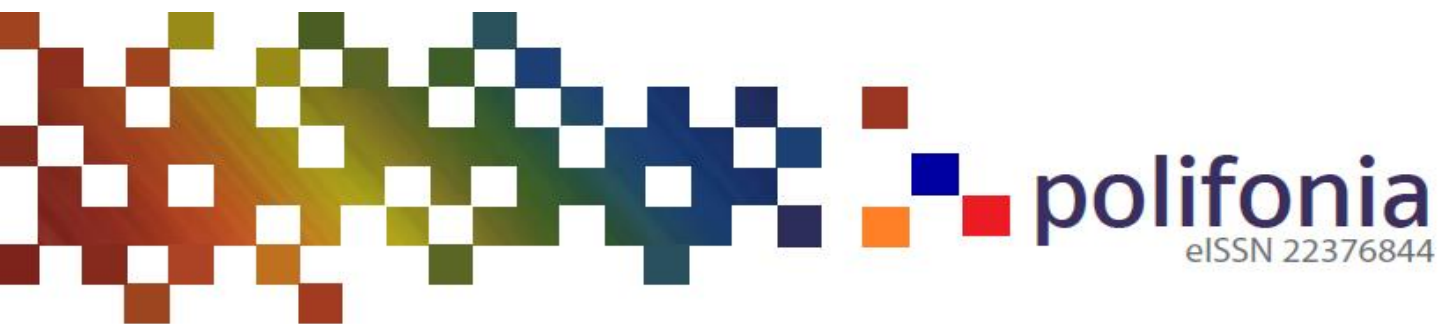
A língua não é autônoma, pois ela se relaciona estritamente com a cultura, influenciando, sendo influenciada e revelando construções e usos que os falantes delas fazem. Em outras palavras, a cultura é a base; a língua nasce dela e com ela, e nela sobrevive. Silva Sobrinho (2021) pontua que:

A definição do conceito de língua passa, num primeiro momento, pela compreensão de que, em qualquer povo, língua e cultura são elementos essenciais e estão intimamente relacionados. Por assim dizer, língua e cultura compõem um todo indissociável e que não nos permite analisá-las de forma estanque, pois a língua materializa-se na e pela cultura e vice-versa. (SILVA SOBRINHO, 2021, p.54)

Segundo Geertz (2011, p. 50) podemos entender a cultura como: “um sistema ordenado de significado e símbolos... nos termos dos quais os indivíduos definem seu mundo, expressam seus sentimentos e fazem seus julgamentos”. Complementando este conceito, Geertz (2011, p. 60) defende que: “[...] os recursos culturais são ingredientes, e não acessórios, do pensamento humano”.

Quando trata de os diversos aspectos de humanidade emergirem juntos numa interação complexa uns com os outros, argumenta esse mesmo autor que isso é de uma importância destacada na interpretação da mentalidade humana. Ele finaliza essa abordagem com a seguinte hipótese: “que o sistema nervoso do homem não permite apenas que ele adquira cultura, mas positivamente exige que o faça para poder simplesmente funcionar.” Isso eleva a cultura e a linguagem ao nível de nossa mais estrita essencialidade.

No conceito de Semântica defendido pela SCC, aparece claramente o que estamos tratando até aqui: se uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de representação do mundo e de seus eventos:



Para poder fazer isso, uma língua usa sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que este só tem sentido especializado em um cenário. Assim, toda manifestação linguística faz parte de um sistema aberto e que, por, em sua realização plena, estar associada a um sentido, revela uma cultura, que se inter-relaciona com um pensamento que a gera e com um sistema linguístico que a representa. (FERRAREZI JR., 2010, p. 138)

O conceito apresentado acima é introdutório de algumas noções da SCC, dentre elas, a noção de contexto, como segue:

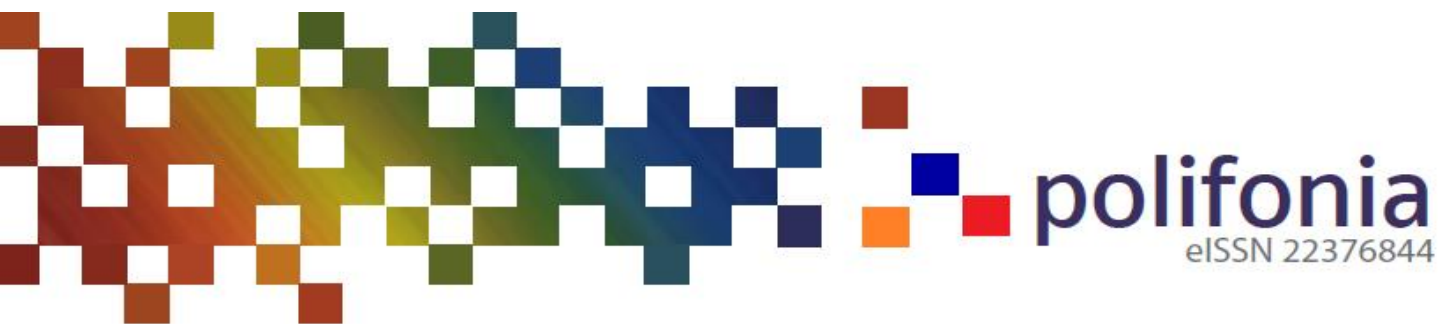
[...] o contexto é para a SCC, como o nome sugere, o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos (FERRAREZI JR., 2010, p. 116-117).

Porém, segundo essa vertente de estudos semânticos, o contexto não responde por todos os aspectos de sentido, mas precisa estar associado a um cenário. O cenário é compreendido na SCC como sendo:

[...] além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural [...] todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação, desde as roupas de quem enuncia (isso é relevante, por exemplo, num ato de pedido de namoro) até elementos fortuitos que se relacionem de qualquer forma ao que se enunciou (como um avião que passa por sobre os falantes na hora da enunciação, se, de qualquer forma, esse fato interferir no processo de especialização do sentido) (FERRAREZI JR., 2010, p. 116-117).

Assim, a SCC fundamenta a atribuição de sentidos aos elementos linguísticos com base no Princípio da Especialização dos Sentidos (PES), a saber; “O sentido de um sinal palavra somente se especializa em contexto e o sentido do contexto somente se especializa em um cenário.” (FERRAREZI JR., 2010. p. 112)

Portanto, os sentidos, inclusive os sentidos individuais (aqueles decorrentes das experiências particulares dos indivíduos ao longo da vida), são especializados “definidos



exatamente” de acordo com as informações intralinguísticas (do contexto) e as extralinguísticas (do cenário). Enfim, a especialização de sentidos é assim definida:

Especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentido;) associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra *x*, em um contexto *y* e um cenário *w*, devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas a um sentido *s* e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência *v*, e não outra, em mundo *m*. (FERRAREZI JR., 2010., p. 113)

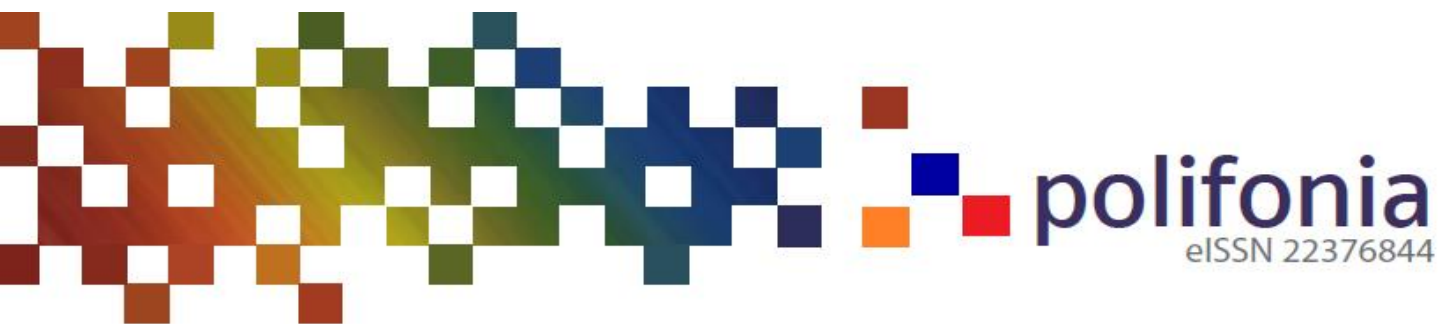
Como afirmaram Alwood e Gärdenfors (1999):

O sentido é visto como tendo atualizações potenciais, as quais são definidas através da interferência de um contexto extra e intralinguístico. Em um dado contexto, o sentido potencial de um termo é determinado em uma direção que seja relevante e apropriada a esse contexto. (ALWOOD & GÄRDENFORS, 1999, p. 13)

Em resumo, pode-se preconizar que, o ponto de partida de qualquer trabalho de semântica cultural é a interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. Entendendo que a língua atua *na e com base na* organização cultural que fazemos do mundo e seus eventos e que o pensamento de uma comunidade se utiliza, para sua expressão, da língua que esta mesma comunidade adota para representar os sentidos por ele gerados, torna-se possível revelar, através das línguas, aspectos sócio-histórico-culturais nelas registrados.

No caso específico desta pesquisa, o trabalho será realizado com expressões idiomáticas, que são um tipo de construção típica, peculiar de determinada comunidade de fala, que não decorre diretamente do sistema gramatical da língua oficialmente adotada, mas da construção cultural que uma comunidade de falantes faz com e nessa língua.

Vale ressaltar que a despeito de suas aparentes exceções gramaticais, as expressões idiomáticas entram na construção de formas mais amplas da língua, apresentam uma estruturação lógica e processos de constituição já bem conhecidos e não são fruto de um acaso pervertido que desbanca a pureza das línguas oficiais. Ao contrário



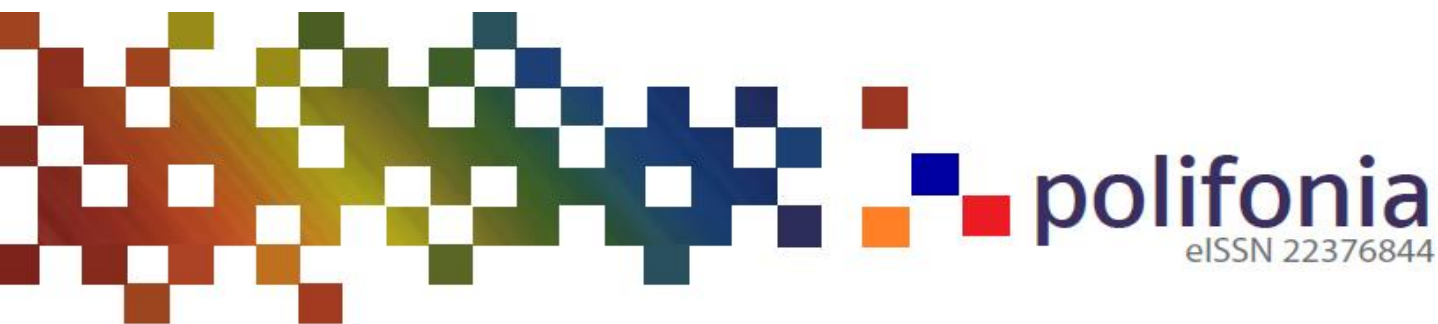
disso, são o resultado de um conjunto de processos bastante produtivos em qualquer comunidade de falantes, que acaba por estabelecer traços morfossintáticos muito próprios que passam a atuar como elementos diferenciadores daquela comunidade, ou seja, elementos linguísticos que passam a atuar como marcas identitárias.

2. Metodologia

Este trabalho teve início em outubro de 2015, quando se iniciou a elaboração do “Dicionário sul-mineiro de expressões idiomáticas”, o qual era parte das ações de pesquisa do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas, MG (GPLin/UNIFAL-MG). O dicionário pretendia registrar, descrever e mapear elementos identitários da grande região linguística do sul de Minas, e contava com pesquisadores voluntários oriundos do curso de Letras da referida universidade. Desde então, pesquisas de campo foram implementadas e registradas em artigos científicos diversos. Entre elas, se identifica a existência da linguagem típica do Bairro dos Gomes, em Juruáia, pesquisa esta sobre a qual nos debruçamos no presente texto.

Em termos metodológicos, utilizamos os métodos tradicionais da pesquisa bibliográfica seletiva, da pesquisa linguística de campo com coleta informal de dados espontâneos, por meio de conversas semiestruturadas e avaliação qualitativa dos resultados (FERRAREZI JR., 2018). Foram realizadas leituras sobre o tema e também treinamento para o trabalho de campo antes do início efetivo da pesquisa.

A coleta do *corpus* se constituiu pela coleta do léxico idiomático - palavras e expressões - que caracterizam identitariamente o falar da comunidade linguística pesquisada, e na sua análise com base na metodologia da Semântica de Contextos e Cenários - SCC. A organização do *corpus* se deu por meio fontes orais de mídia, como as rádios locais e regionais e pela observação de interações informais entre pessoas em



locais públicos como feiras e mercados, e por conversas semiestruturadas com pessoas nascidas na região, preferencialmente com idade acima de cinquenta anos, conhecedoras do falar tradicional, sem grande influência de nível elevado de educação formal (por essa razão, o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – adotado à época da pesquisa de campo teve sua linguagem adaptada ao nível presumido de educação formal e compreensão da linguagem padrão dessas pessoas). Os dados coletados na primeira fase partiram de sete informantes, sendo três mulheres e quatro homens, os quais eram oriundos da localidade e contribuíram com a formação do arcabouço de EI apresentado neste texto.

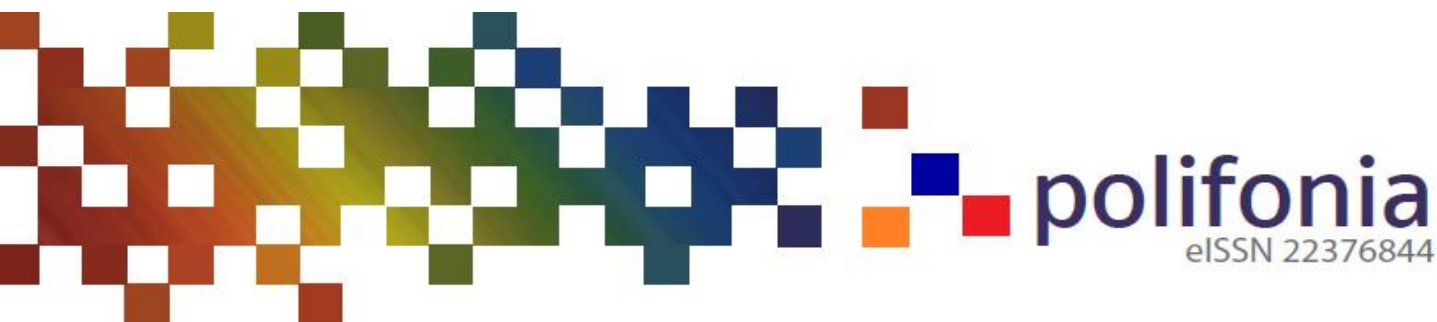
Para Szymanski (2004) o estabelecimento de um ambiente confiável e seguro permite coletar dados de modo significativo e com acréscimos consideráveis à pesquisa proposta. O contato com falantes oriundos de comunidades estigmatizadas do ponto de vista linguístico, como é o caso dos moradores do Bairro dos Gomes, requer atenção e o estabelecimento de confiança para que, ao fim da pesquisa, se alcancem os objetivos propostos.

Por fim, o material coletado, devidamente registrado em anotações de campo e, quando possível, em gravações (estas sempre com consentimento dos informantes) foi selecionado e analisado, tendo-se em vista os objetivos do projeto e a teoria adotada em questão.

A pesquisa histórica se deu por meio da Internet e de um livro publicado por moradores que pesquisaram a história da cidade, uma das únicas fontes documentais da História local, considerando o fato de que a cidade, até então, não contava com um setor de patrimônio histórico que cuidasse dos registros históricos.

3. Análise dos resultados

Como dito, a coleta de dados, na primeira fase da pesquisa, contou com a participação de informantes variados, em sua grande maioria pessoas que nasceram e que



viviam, até então, em Juruiaia e, mais especificamente, no Bairro dos Gomes. Essas pessoas apresentam um falar ainda menos influenciado pelas pressões citadinas, mas até mesmo crianças e adolescentes apresentam marcas de linguagem típicas do local. Aqui, trataremos pequena parte dos dados colhidos, mas que já nos mostram a riqueza cultural e a singularidade da identidade linguística da comunidade em estudo.

O pequeno quadro com dados da pesquisa deste artigo foi produzido a partir de uma grande lista de dados com as EI coletadas na região seguindo-se sempre a metodologia da SCC. Nele, aparecem as seguintes informações: o informante, o dado colhido, a forma de uso da expressão idiomática por parte do informante, o contexto e, quando possível, o cenário em que ocorreu a produção e, finalmente, o uso da expressão e o sentido costumeiro atribuído pelo falante. Aqui, neste início de apresentação de resultados, apresentaremos apenas 5 dados comentados para caracterizar a singularidade do falar por nós estudado.

Entre as várias expressões colhidas, uma delas é *deitar os arreios*. O informante falava sobre sua vida de aposentado e do quanto havia trabalhado desde a infância, e que, agora, havia “deitado os arreios”, ou seja, estava aposentado e terminara sua carreira de trabalhador. A expressão tem relação direta com a imagem da “cavalgada”, prática interiorana comum, os equipamentos e a indumentária do cavalgar. Os arreios são, nesse cenário, peça fundamental para a condução da montaria, logo, da própria atividade. Arreios sempre ficam na vertical, quer quando o cavalo está em movimento, quer quando está em descanso, mas arreado. É só quando os arreios são retirados do animal que podem ser “deitados” sobre algum lugar. Logo, é quando não se cavalga mais na vida (que não se trabalha mais), que se pode imaginar que os arreios são deitados, ou seja, colocados sobre alguma superfície em que “ficarão em descanso”, neste caso, até a morte da pessoa.

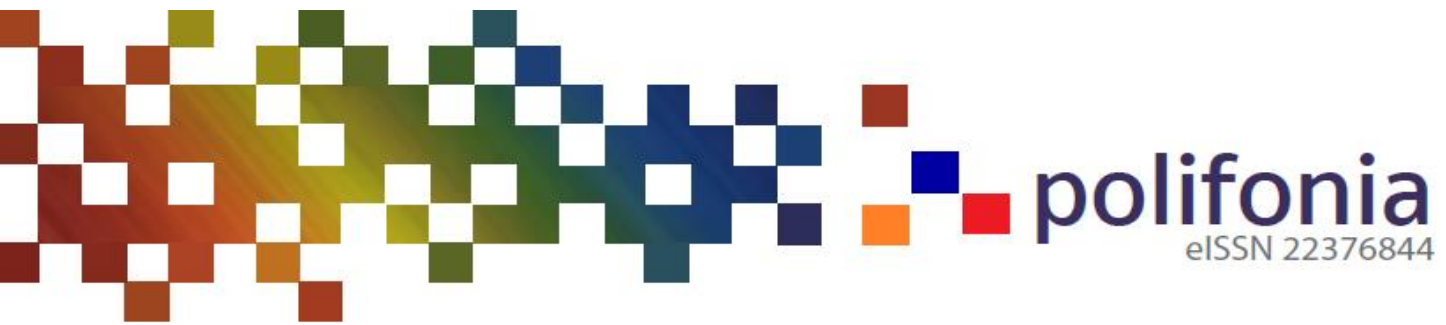
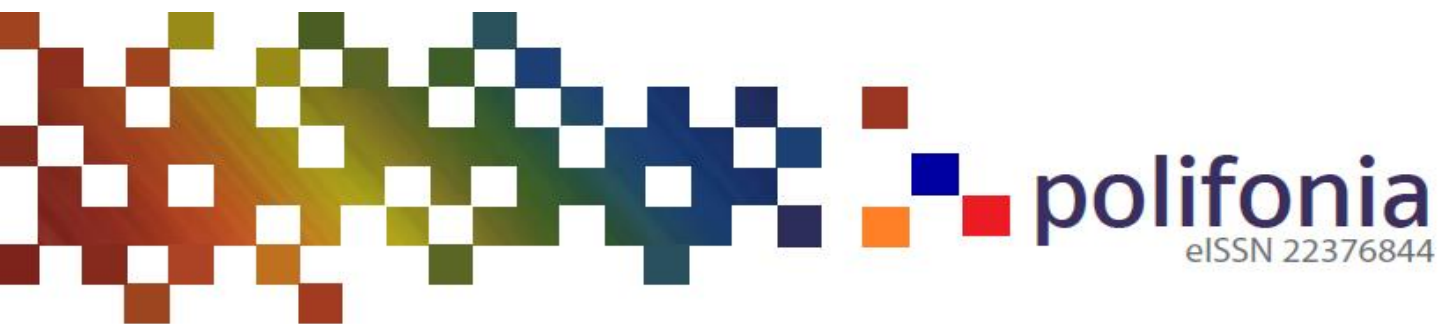


Figura 1 – Cavalgada



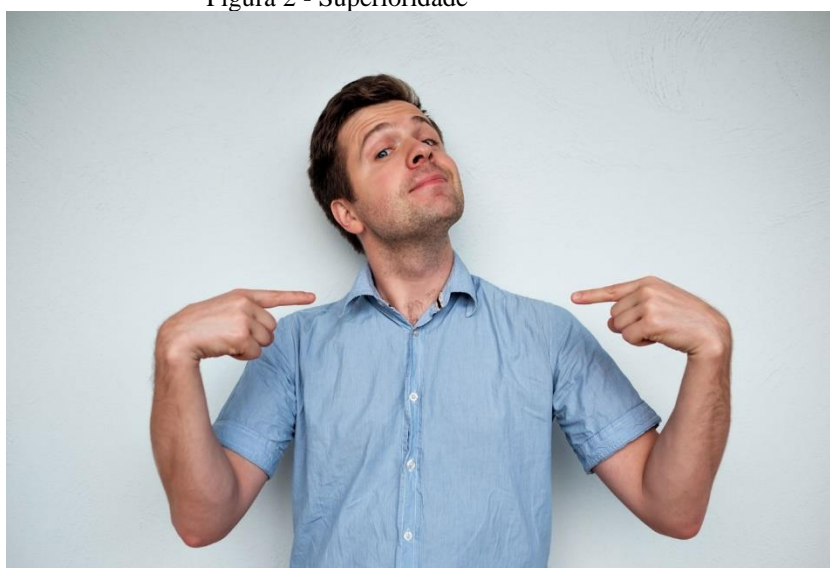
Fonte: *A cidade on* – São Carlos

Uma segunda unidade linguística é *impusturia*. Nosso informante nos contava que tinha medo de que as pessoas que viviam próximas a ele o vissem com sentimento de *impusturia* e relata: “Quando eu comprei o carro novo, fiquei com medo dos outros acharem que estava com *impusturia*.”. A expressão remete ao sentimento de exibir-se, mostrar-se melhor que os demais; colocar-se numa condição superior às demais pessoas pelo fato de ter algo diferente ou de maior valor. A construção deriva da palavra “postura” (pela fonologia local, “pustura”). Assim, quando uma pessoa adota uma postura superior à que lhe corresponde, quando quer parecer maior e/ou melhor do que realmente é, está falseando sua verdadeira postura e isso é, nessa linguagem, “impusturar-se”. Ao mesmo tempo, a expressão guarda relação com a ideia de “impostor”, uma vez que há um falseamento da postura pessoal verdadeira para uma que impõem uma imagem falsa de si mesmo. “Impusturia” se reveste de incrível riqueza semântica, portanto, quando se percebe que essa lexia coaduna a ideia de “mudar a postura pessoal” com a de “assumir a postura de um impostor”. “Impusturia” é, portanto, e nesse contexto em que foi identificada a palavra, a atitude de fazer-se superior sem o ser (mudar sua postura de



forma falseada como o faria um impostor), exatamente aquilo que o falante não queria que dele se pensasse quando comprou um carro novo em uma comunidade pequena e não muito rica.

Figura 2 - Superioridade



Fonte: Exame.com

Uma outra expressão idiomática que merece destaque neste trabalho é *Sorvete de microfone*. A expressão remonta um passado não muito distante em que se denominou o “sorvete de casquinha”, ou simplesmente “casquinha”, como *sorvete de microfone*. O nome associa-se ao formato do sorvete que lembra, de fato, um microfone, tendo o cabo como sendo a casquinha e o sensor de som como sendo a bola de sorvete. Podemos ver que a expressão é uma metáfora de base imagética, em que a comunidade atribuiu um nome figurativo a um elemento comum da cultura da cidade. Pelo que pudemos inferir das pesquisas, tal expressão tem caído em desuso, especialmente segundo relatos dos mais jovens, em função da ridicularização que sofre no ambiente urbano.

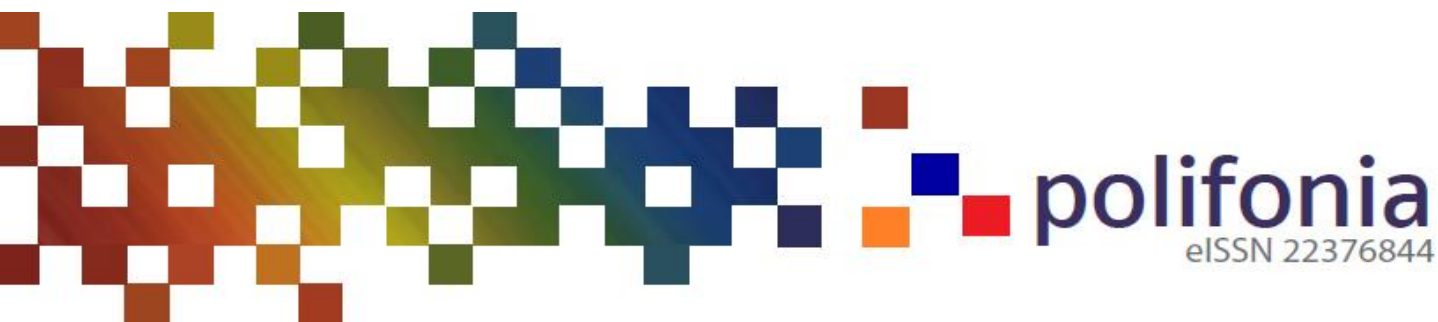
Figura 3 – Sorvetes de casquinha



Fonte: Blog Tudo Gostoso

A lexia *tilibote* também compõe o compêndio das expressões idiomáticas da região. Ela se refere ao semblante carrancudo de alguém, sendo assim, dizer que alguém está de *tilibote* é o mesmo que dizer que esse alguém está de “cara feia”. A origem mais provável da lexia - se nos baseamos em dados da cultura local, embora nem sempre todos os falantes tenham consciência dessa origem – tem relação com a palavra “tilha”, utilizada para se referir à ponta (proa) dura, coberta e protegida de uma canoa² (ou “bote”, como as pequenas embarcações são mais comumente chamadas na região). A tilha é um compartimento reforçado e protegido que vai aparecer na proa das pequenas embarcações locais como local segura para guardar tralhas, para se colocar em pé em certos momentos da pescaria e como ponto de ancoragem e proteção do bote. É na tilha que se prende o “amarrio” e ela a primeira parte da embarcação que colide com um pedral no meio do rio,

² Embora não apenas de canoas, senão de toda forma de embarcação. A tilha é um tipo de estrado ou área coberta que protege a proa da embarcação e, em raros casos, a popa, de maneira que acaba por se configurar como a cara dura e resistente da embarcação que a protege.



por exemplo, precisando ser um elemento reforçado na engenharia do veículo. Também por isso, é uma das partes do boto às quais mais se presta atenção quanto à vedação.

Deve-se lembrar que a região do Sul de Minas, para além da represa de Furnas, desde que povoada, foi considerada um paraíso para pescadores pela enorme quantidade de rios piscosos que possui. Aliás, a atividade pesqueira é importante até hoje como fonte de alimento para os moradores locais e de riqueza ligada à produção comercial de pescado e aos serviços de turismo.

Assim, dizer que uma pessoa está com cara de “tilha de bote” seria uma metáfora em que se diz que ela está com a cara “fechada e dura”, pronta para bater em uma pedra, pronta para ancorar ou para uma “briga” com o rio. Posteriormente, essa EI, como ocorre comumente nesses casos, se sintetiza apenas pelo dizer que a pessoa está de “de tilha de bote”. E, finalmente, em um estágio mais avançado, a expressão “tilha de bote” se contrai na forma de uma única lexia, permitindo-se dizer que a que está “de tilibote”. É interessante notar que o conectivo ainda permanece no uso, uma vez que a pessoa não está “tilibote”, mas “de tilibote”, ou seja, “fazendo o papel de tilha de bote”, o que ajuda a ratificar a compreensão cultural de sua criação.

Figura 4 – Cara fechada



Fonte: Revista Crescer



Aqui, apresentamos um último exemplo de lexia bastante significativa que compõe o *corpus* da presente pesquisa. A palavra é *cuti* e refere-se, de forma geral, a qualquer espécie de cão domesticado. Por exemplo, dizer “onde está o *cuti*” é o mesmo que perguntar “Onde está o cachorro?”. É uma forma bastante usada e comum na região.

Esta expressão assume bastante relevância neste estudo pois demonstra a necessidade de mais pesquisas para a compreensão das origens precisas dessas lexias e a compreensão mais profunda desse falar.

Uma forma provável de compreender a construção vem do fato de que os moradores originários da região, os indígenas (na localidade, chamados de “bugres”), não conheciam o cachorro doméstico. Quando chegou à Amazônia, por exemplo e a título de comparação, o cachorro doméstico recebeu, da maioria das nações indígenas, a mesma denominação da “onça” (em muitas línguas indígenas amazônicas, algo igual ou próximo a [ki’nan]³). Não é difícil imaginar que algo semelhante tenha acontecido na região, por exemplo, em relação à cutia, roedor de grande porte muito comum em todo o território nacional, de pelo curto e cor caramelo (como grande parte dos cachorros sem raça definida no Brasil), denominada [aku’ti] ou [ku’ti] em várias línguas indígenas locais. Isso poderia explicar, por exemplo, que os moradores colonizadores, ao verem os indígenas chamarem cachorros de “acuti” (o nome para cutia), provavelmente por zombaria, tenham começado a chamar seus próprios cachorros de “acuti” ou “cuti”, o que se uniformiza para “cuti” finalmente.

Mas, esta é apenas uma hipótese que não conseguimos confirmar, pois os moradores não têm consciência do processo de formação da palavra e nem mesmo conseguem dar pistas desse processo. Ou seja, mais uma vez, nos deparamos com a maior questão ligada aos estudos de origem cultural com populações típicas, que é justamente a

³ Nas línguas tupi, [ya’war] que, depois, se aportuguesou como “jaguar”.

falta de registros escritos e a - ainda mais comum em todas as comunidades linguísticas – ausência de “consciência filológica” por parte dos falantes.

Figura 5 – Cachorro



Fonte: Revista Casa e Jardim – Globo.com

Quadro 1 – Expressões idiomáticas coletadas com contextos de usos e os sentidos costumeiros de cada uma delas

Informante	Expressão idiomática	Exemplo de aplicação da expressão	Contexto	Sentido costumeiro
Informante 1	Ordenado	“No final do mês o ordenado vinha certinho.”	Conversa informal sobre como era a forma de pagamento antigamente	Relativo a Pagamento ou salário.
Informante 1	Tarde	“A gente ia pro sítio do compadre e fazia uma tarde lá, outra vez ele vinha e fazia a tarde.”	Conversa informal sobre como era o trabalho antigamente	Um período curto de trabalho em propriedades rurais, estimado em aproximadamente duas horas, era feito em espécie de mutirão.



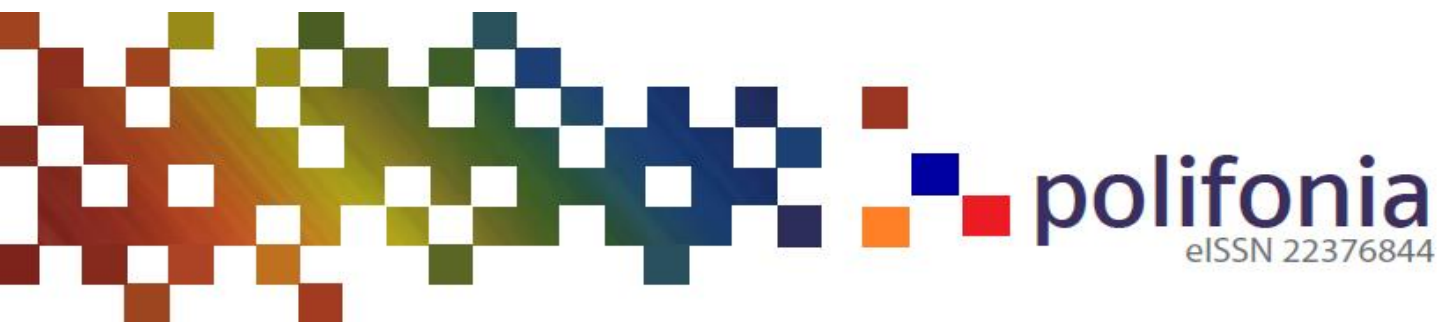
Informante 1	Cabeça variada	“Na época a minha cabeça ficou variada por causa de um derrame.”	Conversa informal sobre um derrame que o informante sofreu há alguns anos.	Ficar com a cabeça confusa, o mesmo que confusão mental.
Informante 1	Pra Mode	Eu falei pra ele pra mode a gente ir pra roça.	Conversa informal sobre ações corriqueiras.	Expressão que a princípio não traz significação, representa mais um vício da fala.
Informante 1	Quitandas	“No meio da tarde a gente comia as quitanda que a mulherada preparava.”	Conversa informal sobre como era a rotina do trabalho no campo.	Relativo a pães, roscas, bolos.
Informante 1	Deitar os arreios	“Eu tô querendo deitar os arreios já.”	Conversa sobre a vida no campo e as suas dificuldades.	O mesmo que aposentar-se ou não querer mais trabalhar.
Informante 2	Meio locado	“Eu fiquei meio locado com a provocação.”	Conversa informal sobre como era a vida durante a infância do informante.	O mesmo que estar transtornado, agitado.
Informante 2	Uns par deles	“Uns par deles vieram pedir dinheiro emprestado.”	Conversa informal sobre como era a vida e as pessoas que viviam no local.	Relativo a quantidade, o mesmo que vários, muitos.
Informante 3	Dar renda	“Aqui o negócio não dá renda”.	Conversa sobre o preço do café e os custos de produção.	O mesmo que lucro, ganho.
Informante 4	Veio por derradeiro	“Aquele veio por derradeiro.”	Conversa sobre a formação do município e as famílias que foram se instalando no município.	O mesmo que último ou final.



Informante 5	Escrafunchar	“Eu precisei escrafunchar no meio da bagunça.”	informal sobre um dia em que o informante precisou procurar algo que estava guardado em um local de difícil acesso.	Relativo a procurar, encontrar ou ir em busca de algo.
Informante 5	Galeio	Eu não tenho muito galeio pra isso / Estou com um galeio estranho.	Conversa informal sobre atividades do dia a dia.	Relativo a jeito, não levar jeito pra fazer determinadas coisas ou com um jeito estranho (passando mal).
Informante 5	Impusturia	“Quando eu comprei o carro novo, fiquei com medo dos outros acharem que estava com impusturia.”	Conversa informal sobre quando o informante adquiriu um carro novo.	Ou mesmo que exibir-se, mostrar-se melhor que os demais.
Informante 5	Sorvete de microfone	Antigamente aqui a gente tomava muito sorvete de microfone.	Conversa informal sobre a infância no bairro.	O mesmo que sorvete de bola na casquinha, chamado assim devido ao formato.
Informante 5	Sorvete de prancha	“O sorvete de prancha era o que mais a gente tomava.”	Conversa informal sobre a infância no bairro.	O mesmo que sorvete de picolé.
Informante 5	Pão com açúcar na cacunda	“Na venda tinha o pão com açúcar na cacunda.”	Conversa informal sobre a infância no bairro.	O mesmo que pão ou rosca doce que vem com açúcar por cima, cacunda se refere à parte de cima.



Informante 5	Cambota	A gente aqui fala cambota.	Conversa informal sobre as diferenças nas palavras e expressões de pessoas que moram em outros lugares.	O mesmo que cambalhota.
Informante 5	Tilibote	“Por que ele tá de tilibote?”	Conversa sobre como era a vida antigamente.	O mesmo que estar de cara ruim, de rosto fechado, com expressão facial carregada.
Informante 6	Cuti	“O cuti fugiu no mato.”	Conversa sobre animais.	O mesmo que cachorro, cão.
Informante 6	Tafuiá	“O boi tá tafuiado no mato.”	Conversa sobre a criação de gado.	O mesmo que escondido ou enfiado.
Informante 7	Alongar	“O boi tava alongando no pasto.”	Conversa sobre o gado.	O mesmo que escondido, o boi estava se escondendo no pasto.
Informante 7	Passar de enfiada	“Vou passar de enfiada pela cidade.”	Conversa sobre viagem feita a outros lugares.	O mesmo que passar direto.
Informante 7	Ir de ripio	“O carro veio de ripio.”	Conversa sobre viagem feita.	O mesmo que vir na contramão.
Informante 7	Comer de beliscão	“A gente comia rosca de beliscão.”	Conversa sobre como era a merenda na roça.	O mesmo que comer aos poucos, ou então tirar pedaços do pão ou rosca sem o uso de faca.
Informante 7	Lance/Lancinho	“Me deu um lancinho estranho.”	Conversa sobre o funeral de alguém muito querido.	O mesmo que jeito, um jeito estranho, ruim ou tristeza.

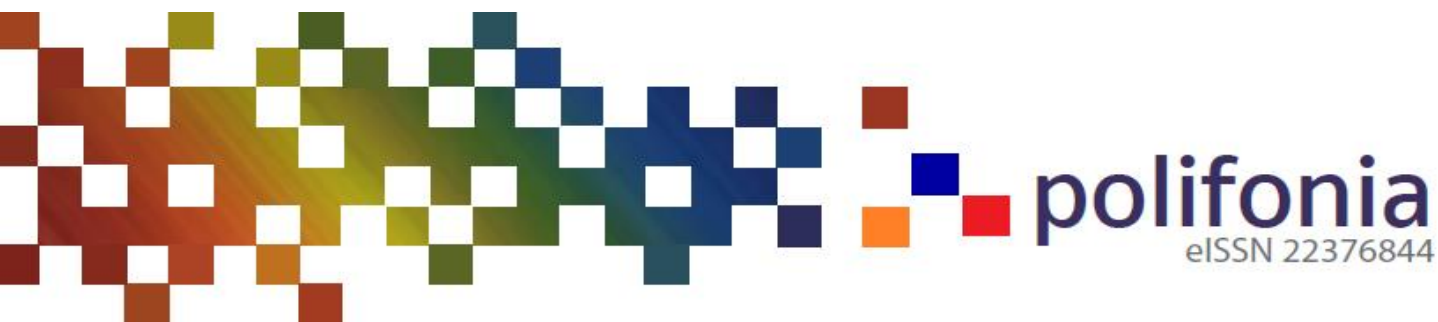


Esses cinco dados apresentados e comentados aqui do ponto de vista de sua formação histórico-cultural, como dito, são uma pequena parte do resultado final de coleta da pesquisa realizada até o momento. Fato interessante a relatar é que essas lexias, quando testadas com pessoas do município, mas alheias à comunidade dos Gomes e desconhecedoras de sua linguagem, mostram que estas não conseguem estabelecer relações de sentido para aquilo que é falado, mesmo que seja objeto ou fato conhecido por aqueles que não pertencem ao local. Ou seja, a linguagem do Bairro dos Gomes constitui-se como um falar específico e sua mais importante marca identitária, mesmo dentro do próprio município. Neste caso, a referência de distância se dá entre área urbana e rural do mesmo município, Juruáia, MG. O recorte se deu em termos de alguns quilômetros, não muitos, mas suficientes para promoverem a perda de sentido nas EI.

Considerações Finais

A pesquisa realizada explorou o universo linguístico e cultural de pessoas que, durante muitos anos, sofreram estigmas sociais, por falarem de uma forma diferente, possuírem um vocabulário e uma fonologia próprios, que contempla perfeitamente suas atividades comunicativas com aqueles que compartilham desse conhecimento.

Mostrou-se como a compreensão de uma linguagem local precisa estar vinculada à construção da cultura dos falantes, uma vez que há uma relação intrínseca entre a construção desta e a formação daquela. Neste sentido, uma semântica cultural contribui mais do que uma de cunho formalista para a compreensão do processo de construção e atribuição de sentidos às palavras. E esse processo de compreensão se torna ainda mais interessante e profícuo quanto vinculado a linguagens típicas sem registros escritos anteriores, pois é apenas pela prospecção do patrimônio cultural que se conseguem as pistas necessárias à compreensão do patrimônio linguístico.



Também, é preciso que fique registrada a alegria que os entrevistados mais idosos da pesquisa demonstraram ao saber que seu falar seria registrado antes de ser “perdido pelas gerações futuras”. Para nós, pesquisadores, foi de importância única poder, pela primeira vez na história da comunidade *dos Gomes*, registrar cientificamente parte de sua linguagem e, conseqüentemente, de sua identidade como comunidade cultural.

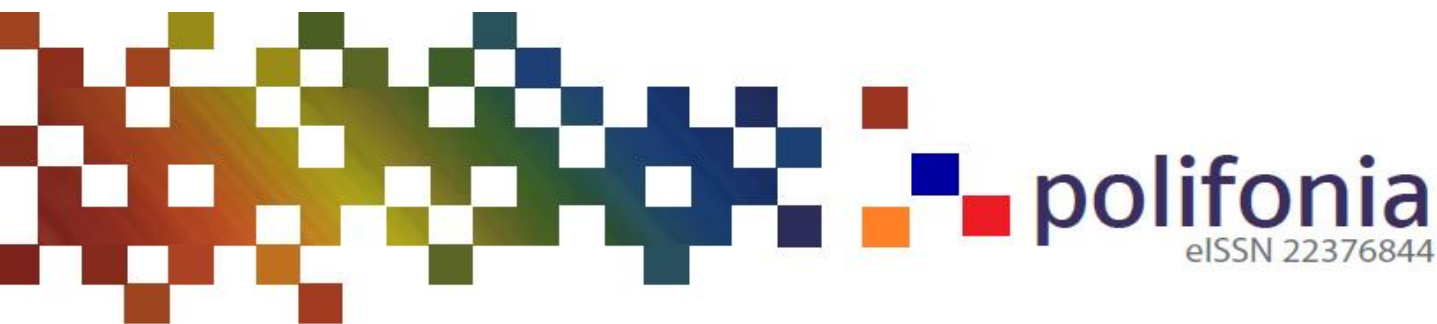
De fato, já há uma percepção, por parte dos participantes desse ecossistema linguístico, de que sua fala peculiar está em fase de perda de elementos identitários. A pressão exercida pela revolução tecnológica e pelas mídias, especialmente sobre a juventude, e o fato de escola local ter sido desativada em favor da oferta educacional apenas na cidade, o que cria a obrigatoriedade de ir estudar na sede urbana do município, por exemplo, são fatores que têm contribuído para a destruição da identidade da fala local nas gerações mais novas, vítimas constantes de preconceito linguístico por parte da comunidade da cidade.

É evidente que o mero registro das palavras e expressões da comunidade não salvará sua fala nem sua identidade. Mas é o que podemos fazer, por ora, no campo do registro linguístico. Ademais, com um grupo de outros pesquisadores, o que temos buscado é devolver à comunidade sua escola e incentivar a manutenção das peculiaridades culturais locais pela valorização dessa riqueza imaterial. E é, também, o que, em parte, procuramos fazer em artigos como este.

Referências

ALWOOD, J. & GÄRDENFORS, P. (eds.). **Cognitive Semantics: meaning and cognition**. Filadélfia: John Benjamins N. A. P., 1999.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.



BARDY, E. P.; PRADO, J. C. **Memórias Políticas de Juruáia**. Juruáia: Gráfica Nossa Senhora Aparecida, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERRAREZI Jr., C. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. “Quando só de para andando”: minúsculo estudo de expressões idiomáticas de Guajará-Mirim, RO” In.: **Práticas Discursivas Amazônicas**: Ano 2, nº 2, 2013.

_____. **Guia do trabalho científico: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª Ed. (Reimpr.). Rio de Janeiro: LTC, 1926-2011.

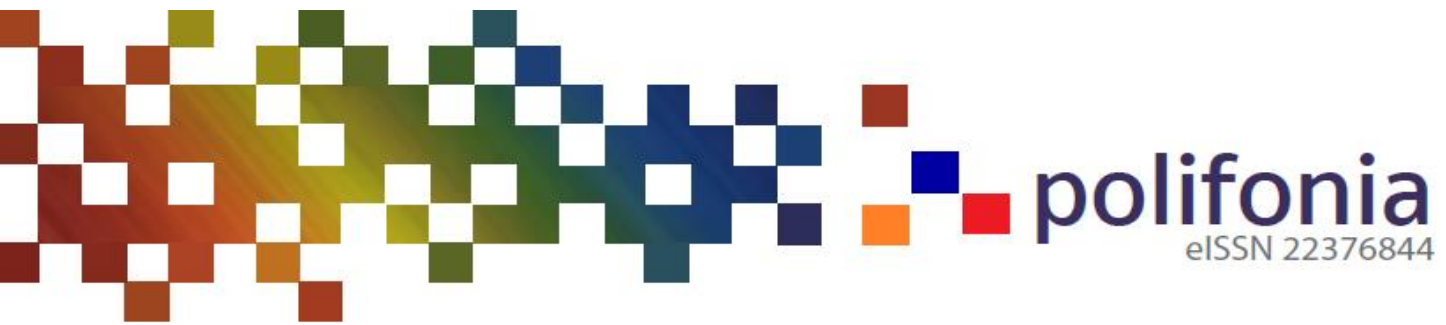
ILARI, R. **Introdução à Semântica: brincando com a semiótica**. São Paulo: Contexto, 2001.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística. Aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. & RASO, T. (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SILVA SOBRINHO, J. Línguas naturais: uma análise da variação linguística de comunidades típicas rurais brasileiras frente às variedades linguísticas de prestígio urbanizadas. In: SANTOS, M. P. (org.). **Educação Especial, Inclusão e Diversidade: contextos, saberes e práticas escolares**. Curitiba: Bagai, 2021. Cap. 4. p. 54-62.

SILVA SOBRINHO, J.; FERRAREZI Jr., C. Comunidade dos Gomes: notícia sociolinguística do falar de uma comunidade típica na região de Juruáia/MG. **Trem de Letras**, v. 8, n. 1, p. e021017, 22 jun. 2021.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. Expressões idiomáticas e campos semânticos: significado ana(lógico)? **Revista Guavira Letras**, v. 14, n. 27, 2018, p. 47-61.



_____. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba:** estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-0_f3e7f9aba93b7b5604c6642985f92bda

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa** – Revista de Linguística, v. 42, n. esp. 1998, p. 147-159.